

LEITURAS DRAMATIZADAS: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Bene Martins *
Mailson de Moraes Soares **

Resumo: O presente texto organiza reflexões, análises e experiências desenvolvidas em oficinas de livre leitura realizadas no projeto “Leituras Dramatizadas, o livro em cena”. O principal objetivo foi aproximar leitores ao livro impresso e despertar o prazer da leitura. Com o livro em mãos, ator principal a compartilhar espaço com novos leitores, as reuniões eram realizadas para desfrutar sabores de leituras diversas. Os autores usados nas oficinas foram de variadas modalidades e origens, e o livro impresso fez o papel de ator e de agente, ambos propiciadores de mudanças de comportamento e atitudes perante a vida, tanto pessoal quanto profissional. A proposta derivou da crença de que é possível contagiar os ouvintes por meio da sedução das leituras dramatizadas, ampliando concepções sobre as relações humanas e o conhecimento em geral. Para além de uma sala de aula tradicional, o projeto proporcionou inclusão social, à medida que exercitou habilidades de leitura em público e a formação de multiplicadores de forma lúdica, prazerosa e vivencial.

Palavras-chave: Leitura dramatizada. Formação de leitores. Aprendizagem contínua. Extensão universitária.

DRAMATIZED READINGS: A EXTENSION UNIVERSITY EXPERIENCE

Abstract: This paper analyzes an experience developed in the project “Dramatized readings, the book goes to the stage”. Free reading workshops were held in order to encourage the pleasure of reading. With the book in hand, like an actor sharing space with new readers, project meetings were held to enjoy flavors of several readings. Several authors were used in the workshops, and the book did the role of actor and agent, both conducting to a changes. The proposal started from the belief that it is possible to encourage new readers through dramatized readings, expanding conceptions of human relationships and knowledge in general. Unlike a traditional classroom, the project provided another form of social inclusion, training the reading skills in public and multipliers in a playful manner, pleasant and experiential.

Keywords: Dramatized reading. Training readers. Continuous learning. University extension.

Introdução

A experiência extensionista¹ que analisamos no presente artigo ocorria toda sexta-feira, das 14 às 18h, horário em que poderíamos estar em passeios outros, no entanto, os frequentadores reservavam a tarde para desfrutar de leituras diversas. Em função da especificidade das oficinas, selecionávamos textos menos extensos. A metodologia envolvia desde aquecimento vocal à preparação corporal, no sentido de se praticar postura e linguagem corporal adequada aos textos lidos. O “espírito” do projeto partiu do ditado popular “Quem canta seus males espanta”, parafraseando a afirmativa “quem lê, seu mundo encanta” e o intuito, para além de “viajar”, era ampliar possibilidades de ver e de entender o mundo à sua volta, exercitando o ato

de conhecer melhor a si mesmo e ao outro. Afinal, uma leitura bem feita, bem entendida, pode nos libertar de tudo, inclusive dos próprios demônios.

Embora essas afirmativas não sejam absolutas, concordamos que quem lê adquire ou aprende a lidar com inúmeros signos e elementos que compõem a construção dos traços identitários do Ser. Esta é uma constatação para quem tem a mania, por assim dizer, de ler, é leitor assíduo e sabe das inúmeras vantagens que a palavra bendita proporciona, tanto para quem escreve, quanto para quem lê. Não há como negar os benefícios da leitura, desde que focada com olhos de quem quer desvendar as entrelinhas e as entranhas do texto; desde que leia com o propósito de atizar e desafiar a imaginação para outros horizontes, para outras culturas, para outros seres.

Hoje, tempos considerados líquidos, numa referência a Sygmunt Bauman (2007), os professores e amantes dos livros encontram mais um desafio, o de manter a leitura em pauta/palco, em plena época da velocidade, da pressa, da saturação das notícias, das imagens em profusão em meio a uma oferta gigantesca de atrativos eletrônicos, no século da exaustão e do bombardeio de informações transmitidas pelos meios e redes de comunicação. Neste cenário, como despertar e manter aceso o interesse pelos livros, nestes tempos em que boa parte das pessoas prefere se comunicar de forma virtual? Como prender a atenção e o gosto pela leitura em jovens peritos da comunicação *on-line*? Aqui, nos referimos à leitura minuciosa que requer tempo para reflexão. Não afirmamos que os leitores virtuais sejam incapazes de realizar esse tipo de leitura, nossa preocupação é com a formação de leitores, em todos os segmentos sociais, faixas etárias, espaços geográficos, condições de acesso².

Embora haja quem afirme que ler histórias, poemas, contos, romances, peças teatrais, seja procedimento arcaico, é exercício de professores e de artistas ou é coisa dos tempos e das pessoas antigas; para os mais radicais ler um livro, página por página, é atividade monótona, cansativa, demorada, é etapa ultrapassada em comparação com a rapidez de um clique no *mouse*, para acessar qualquer tipo de entretenimento ou de pesquisa, via *internet*.

Não há nada de errado nesse tipo de buscas, o que se quer ressaltar neste projeto é a importância da convivência de vários meios de acesso, como fonte de conhecimento. No projeto de extensão, o livro impresso teve o papel de ator e de agente propiciador de possíveis mudanças de comportamento e de atitudes perante

a vida, tanto pessoal quanto profissional. A proposta derivou da crença de que, felizmente, existem pessoas, independentemente da profissão exercida, que acreditam no poder de contagiar os ouvintes através da sedução da leitura dramatizada, por exemplo. Esta seria uma das formas de atrair parceiros para o processo ensino-aprendizagem, para além de uma sala de aula convencional. A prática de reunir pessoas com um interesse comum, a paixão por livros, será o primeiro passo de uma série de ações subsequentes³.

A ideia de trabalhar, de forma sistemática, com leitura dramatizada ocorreu durante as aulas da disciplina Dramaturgia para o curso de Formação em Ator. A didática das aulas fomentou um interesse maior pelos textos literários em cena. Nesta disciplina, enfatizamos a riqueza de olhares e alternativas de recepção por parte do leitor, demonstramos o que um texto é capaz de induzir para a encenação de uma peça, no caso dos estudantes de artes cênicas ou interessados no trabalho teatral. Assim, verificou-se a necessidade, revelada em sala de aula, de estimular o hábito/vício de ler, pois esta prática melhora a concentração, desenvolve e enriquece o imaginário. Isto vale tanto para o ator, quanto para o espectador, além de possibilitar o aprendizado das técnicas interpretativas para o primeiro.

Em pleno século XXI, acreditamos que ainda é possível manter a experiência milenar do encontro para o desfrute de uma boa leitura. É só experimentar: prepare um ambiente aconchegante, reúna algumas pessoas em torno, e anuncie que tem algo importante para compartilhar, dê início à seção, introduza o assunto com uma das tradicionais fórmulas mágicas de contar histórias, imaginadas ou lidas: era uma vez uma bela princesa; houve um tempo em que os animais falavam; havia um príncipe à procura de um pé que entrasse num sapatinho de cristal; dizem que naquele lugar havia um homem que se transformava em porco; todas as noites enluaradas ele aparece; dizem que, quando ela, a Cobra Grande, se mexer a cidade será inundada; lá andando pela mata quando, de repente, me perdi; de madrugada ouvi um assobio, era ela! a Matinta Perera; minha avó me punha no porão para dormir; Xavier foi quem deu a notícia por telefone, um corpo fora encontrado; sou um gato vagabundo; a morte de dona Bibi foi assim etc. Exemplo de alguns exercícios realizados nas oficinas de leituras. Todos esses inícios de histórias iluminaram olhares ávidos por saber e/ou recordar mais.

Experimente outras tantas maneiras de começar um enunciado e verá o que acontece. Ora, direis, são frases muito antigas. E são naturalmente. Todas essas

frases dão início às histórias que já ouvimos ou que já deveríamos ter lido nas mais variadas versões, contadas pelos anônimos narradores (as) de histórias ou impressas em livros de escritores renomados. Ora direis ainda, minha avó contava esses casos. Ora, dizemos nós, que todos continuemos a contar e recontar; ler e reler. Essas antigas entonações não cessam de gerar outras leituras adaptadas aos novos tempos, e não desaparecem do imaginário coletivo, desde que reativadas a cada leitura.

A maneira como as conhecemos não importa, o que vale é que elas sobrevoam soberbas, no imaginário individual e coletivo, pois a prática de contar/ler e de ouvir é indispensável na constituição sócio-cultural-afetiva de um Ser. Enquanto se ouve alguém narrando/lendo algo, apenas com os recursos naturais e gratuitos que ele porta no momento – o corpo, os gestos, o olhar, a voz e o indispensável livro que tudo registra – a nossa imaginação se solta de maneira intensa, nesses instantes somos retirados, por um breve momento, do tempo real e da rotina massacrante do dia a dia, somos mergulhados/inseridos em outra cena. Esse intervalo de descontração aguça os sentidos rumo ao desconhecido. E prende a atenção, pois tudo aquilo que ronda o mistério e a surpresa instiga, excita, desloca. Daí o envolvimento inevitável com aqueles instantes de suspensão do real, por assim dizer.

O ato de ler é ativo, é somente na e pela leitura que o texto passa a existir. É o leitor que dá vida ao amontoado de palavras desenhadas na folha em branco, à espera de um agente cúmplice e apaixonado, que as ponha em movimento e que as repasse para outros, seja ao pé do ouvido, seja num belo espetáculo teatral. O autor francês Bellenger, ao responder à indagação, em que se baseia a leitura? Afirma:

No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. (...) É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, 1978, p. 17, *apud*. KLEIMAN, 1998, p. 30).

Podemos enfatizar, ainda, que ler, aflora o desejo e o prazer, é uma maneira

de estabelecer um pacto com o autor, não necessariamente concordar com ele, mas se predispor para a interlocução com as ideias desenvolvidas pelo autor. E acrescentar ao texto, caso consiga, outros finais às inúmeras histórias tecidas, pois não há receitas a serem seguidas. Ninguém recebe o texto acabado, no sentido de esgotadas as possibilidades de recepção. Ninguém consegue recontar a história da mesma forma que a recebeu. Cada um imprime o seu tom, o seu jeito, na hora de recontar o que ouviu, imaginou, leu ou vivenciou. Cada contador/leitor dirá que é o mito ou o personagem tal a ser narrada, e tal mito ou personagem será reconhecido na versão particular de quem narrou naquele momento.

Assim, de forma lúdica, descontraída e envolvente, é possível inculcar nos participantes o espírito da iniciativa e da proposição de novos caminhos para fórmulas já conhecidas. Com o exercício constante desses momentos criativos e/ou de livre expressão, a criança ou mesmo o adulto desenvolverá um leque de atitudes a serem tomadas em determinadas situações. Não se poderia vislumbrar nesse jogo de faz-de-conta, o embrião de pessoas seguras de si, criativas, capazes de tomadas de decisões? E por que não dizer, iniciar o desenvolvimento do aprender a ser ator principal e não apenas coadjuvante da própria existência? Não seria essa uma das lacunas – a ausência da incitação do imaginário na vida das crianças e adolescentes de hoje – uma das responsáveis por certo desânimo ou apatia assinalada no comportamento de parte dos jovens?

Vale destacar a importância do imaginário na formação do indivíduo. Um imaginário bem nutrido, conseqüentemente, produzirá muito mais que um alimentado apenas pela babá eletrônica, a televisão que, infelizmente e pelos mais diversos motivos, tomou o lugar daquela babá de carne e osso, que passava horas a embalar a criança, a contar as antigas histórias e a cantarolar canções de ninar, que ela ouvira na própria infância. Ao proporcionar somente essa alternativa – a babá eletrônica – negam-se outras, incitadoras da imaginação e do conhecimento.

Não se trata de ser contra a evolução dos avanços tecnológicos tão importantes na vida contemporânea. Trata-se, antes, de apontar para o fato de que um meio não exclui o outro, ao contrário, um enriquece, complementa e revaloriza o outro. Não é por acaso, que alguns dos conhecidos diretores da programação televisiva ou cinematográfica têm recorrido aos velhos causos para produzirem filmes de excelente repercussão. Filmes adaptados, muitas vezes, de livros já consagrados pelos leitores ou de autores desconhecidos que, depois de transpostos

para a linguagem fílmica, obtêm sucesso de vendas. Exemplos recentes de filmes, exibidos nas telas brasileiras: *O peixe grande e suas histórias maravilhosas*, 2003, do diretor Tim Burton, e *Narradores de Javé*, 2003, da diretora Eliane Caffé. Ambos, de formas diversas trabalham com o recontar histórias ou com o fascinante jogo e habilidade de lidar com as palavras, a imaginação e a memória individual e coletiva.

A proposta-recomendação é para que os educadores não percam a oportunidade de extrair dos estudantes o que eles sabem contar, que incentivem, ao máximo, a prática do ouvir os mais antigos e de repassar, ao seu modo, os relatos ouvidos, que escrevam em estilo livre, sem muita preocupação com formas, mas com maior atenção ao conteúdo e à criatividade. A necessidade é a de que as escolas e casas culturais cedam espaço para a prática da leitura dramatizada. O efeito será o da multiplicação, pois um texto bem lido, dá vida às palavras e contagia, envolve quem lê e quem ouve.

Nessa prática é possível demonstrar, ainda, que nesse ler/registrar/repassar há uma imensa gama de possibilidades de inventar, de dar asas aos devaneios da imaginação. Essa seria uma das tantas estratégias para superar a síndrome da folha em branco. Todos nós, professores, já ouvimos a desgastada frase, diante da folha a ser rabiscada: “Olha professor eu sei, tá tudo na minha cabeça, mas eu não sei passar para o papel. E mais: Ih! Deu um branco, não sei nada!”.

Uma das razões da inabilidade para ler/escrever é a falta de exercício. Se nunca se lê/escreve, ou se nunca se relê/reescreve, para superar as falhas, não se aprenderá a desfrutar do prazer de ler/escrever, jamais. A prática do ouvir histórias, contar e re-escrevê-las seria uma espécie de antídoto para o costume corrente entre boa parte das famílias de hoje: do consumismo desenfreado, da visão utilitária das coisas que os cercam, da busca de parafernálias tantas, em detrimento da busca de valores que ficam de experiências enriquecedoras, de formas mais saudáveis de se viver e de considerar o Outro, mesmo que se inicie a conhecer esse Outro em páginas literárias.

Essas atitudes poderiam amenizar certos traços de egoísmo e de indiferença ante o sofrimento e as carências alheias. O indivíduo precisa aprender a ouvir os próprios anseios, a identificar os monstros que o habitam, a rever atitudes, a se perguntar quem é, o que quer para si, o que fará com a sua própria vida; indagações tão antigas quanto o surgimento da espécie. Ele precisa reaprender a ser criança, no sentido de abrir os olhos para outros modos de viver, para outras formas de

preencher o seu tempo. Ele precisa descobrir o quão grandioso é; precisa acreditar que é capaz de produzir, desde que persiga os seus objetivos e se prepare para enfrentá-los. Ou, melhor ainda, aprender a perceber o mundo conforme o poeta Manoel de Barros “o olho vê, a lembrança revê e a imaginação, transvê”. Transver o mundo seria, literalmente, decodificá-lo em outras linguagens e códigos culturais.

Ou, ainda, mais um benefício inestimável da leitura, concordando com Italo Calvino, ao falar do que pode a literatura ensinar, são poucas coisas, mas insubstituíveis: “a maneira de ver o próximo e a si mesmo, (...) de atribuir valor às coisas pequenas ou grandes, (...) de encontrar as proporções da vida, e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, a maneira de pensar e de não pensar nela, e outras coisas “necessárias e difíceis”, como “a rudeza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor.” (CALVINO, 2003, p. 30).

Considerações finais

O Projeto “Leituras dramatizadas: o livro em cena” propôs e realizou leituras dramatizadas e o manuseio do objeto livro foi indispensável. Num primeiro momento, as leituras foram efetuadas apenas pela coordenadora e bolsistas do projeto, posteriormente, as leituras foram realizadas com participantes das oficinas. O projeto apresentou outras finalidades paralelas, a da inclusão social, à medida que exercitou o indivíduo nas habilidades de ler melhor e de falar em público; a melhoria da dicção e do nível cultural; a busca de outras aspirações, até as de serem atores. Estas foram e são algumas das vantagens obtidas com a prática da leitura em voz alta.

No segundo momento, outras leituras apresentadas por temas, por autores já conhecidos do público ou inéditos. Alguns dos autores selecionados: Haroldo Maranhão, Ariano Suassuna, Lígya Fagundes Teles, Clarice Lispector, Benedito Monteiro, Dalton Tevisan, Hilda Hilst, Millôr Fernandes, Caio Fernando Abreu, Lya Luft, Adriana Falcão, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gular, Cecília Meireles, Ana Maria Machado, Maria Lúcia Medeiros, Inglês de Sousa, Antonio Juraci Siqueira, Salomão Larêdo, Walcyr Monteiro, Vicente Cecim, Juvenal Tavares, Edgar Augusto Proença, Nazareno Tourinho, Márcio Souza, João de Jesus Paes Loureiro, Renata Palotini, Walter Freitas, Max Martins, Castro Alves, Fernando Pessoa, José Saramago, Mário Quintana, Paulo Leminski, Adélia Prado, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, José J. Veiga e outros.

Em um terceiro momento, os participantes apresentaram as performances em outros locais destinados às manifestações culturais, conforme disponibilidade dos integrantes. As apresentações foram feitas em teatros, anfiteatros, feiras de livros e mesmo em salas de aula mais amplas. Após as apresentações, o grupo ficava à disposição do público para conversas e esclarecimentos sobre a metodologia utilizada. O propósito da permanência do público foi condizente com a finalidade primordial do projeto, a de colocar o público em contato com a leitura de forma lúdica e prazerosa, cujos resultados foram constatados como altamente positivos.

As justificativas ou hipóteses do projeto foram confirmadas, ainda existem pessoas que ocupam suas horas de folga, seu lazer, com leituras e transformam seu ócio em aquisição/produção de saber, desde que haja, naturalmente, espaço e motivação para tais práticas. Os participantes – faixa etária a partir dos 14 anos – das belas tardes de leitura vinham do trabalho ou de suas casas, dedicavam suas horas livres para o exercício da palavra; de forma que colocávamos em cena, jovens e idosos, numa parceria de respeito, troca e colaboração enriquecedoras para todos.

Vale registrar momentos de retorno positivo, as apresentações em público, eventos locais e nacionais, de participantes da oficina que, antes dos exercícios de leitura, consideravam-se travados, tímidos, com receio de enfrentar o público. Todos os que ousaram conseguiram ler de maneira viva, imprimindo à leitura a concepção que priorizamos nas oficinas, a de leitura dramatizada, qual seja, a que envolve o ser como um todo, dicção adequada, postura, gestos, intensidade no olhar, entonações coerentes com o teor do texto. A maioria dos egressos saiu fortalecida, confiante em si. Esse é outro propósito que procuramos como docentes, incentivar a autonomia intelectual de cada participante.

Notas

* Benedita Afonso Martins (Bene Martins) é doutora em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora adjunta da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA) e professora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da mesma universidade. Atualmente, é Diretora Adjunta do Instituto de Ciências da Arte ICA-UFPA e coordena o projeto de pesquisa “Memória da Dramaturgia Amazônica: construção de acervo dramático”. E-mail: behne03@yahoo.com.br

** Mailson de Moraes Soares é ator e cenógrafo formado pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA). Graduando em letras pela mesma universidade, foi bolsista do projeto “Leituras Dramatizadas, o livro em cena” sob a coordenação da profa Bene Martins.

¹ Projeto “Leitura dramatizada: o livro em cena” (2007-2010), coordenado pela professora

Bene Martins.

² Essa foi a proposta principal quando elaboramos o Projeto de Extensão. O projeto, aberto à comunidade em geral, teve início em 2007.

³ A exemplo de inúmeras apresentações dos bolsistas do projeto, em Feiras de livro; Seminários de extensão; Eventos sobre leituras local e nacional, I Seminário Nacional de extensão e cultura, promovido pelo Ministério da Cultura (Minc) em 2009.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CALVINO, Italo. Il midollo del Leone. In: _____. **Défis aux labyrinthes**. Paris:Seuil, 2003.

KLEIMAN, Angela. Oficina de leitura: teoria e prática. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

Autores utilizados nas oficinas

ABREU, Caio Fernando. **Mel e girassóis**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, Castro. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boca de luar**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **A palavra mágica**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Histórias para o rei**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. São Paulo: Quintal dos Livros, 1997.

ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

CECIM, Vicente. **Asa e a serpente**. Belém: CEJUP, 2004.

FALCÃO, Adriana. **Mania de explicação**. São Paulo: Moderna, 2001.

FERNANDES, Millôr. **O homem do princípio ao fim**. Rio de Janeiro: L&PM, 1982.

FREITAS, Walter. **DeZmemória**. Belém: IAP, 2003.

GULLAR, Ferreira. **A luta corporal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HILST, Hilda Hilst. **Do desejo**. São Paulo: Pontes, 1992.

- LARÊDO, Salomão. **Senhora das águas**. Belém: Sagrada Família, 1982.
- LEMINSKI, Paulo. **Distraído venceremos**. São Paulo: Brasilense, 1987.
- LEMINSKI, Paulo. **Metamorfose**. Uma viagem pelo imaginário grego. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Teatro e ensaios**. São Paulo: Escrituras, 2001.
- LUFT, Lya. **A mulher no palco**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- LUFT, Lya. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1996.
- MACHADO, Ana Maria Machado. **Brincadeira de sombra**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2001.
- MARANHÃO, Haroldo. **Feias, quase cabeludas**. São Paulo: Planeta Brasil, 2005.
- MARANHÃO, Haroldo. **Pará, capital**: Belém. Memória & pessoas & coisas & loisas da cidade. Belém: FUMBEL, 2000.
- MEDEIROS, Maria Lúcia Medeiros. **Céu caótico**. Belém: SECULT, 2005.
- MARTINS, Max. **Poemas reunidos**. Belém: EDUFPA, 2001.
- MEIRELES Cecília. **Ilusões do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém**. Belém: CEJUP, 1993.
- MONTEIRO, Benedito. **O carro dos milagres**. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1980.
- PALLOTINI, Renata. **Um calafrio diário**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2005.
- PRADO, Adélia Prado. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- PROENÇA, Edgar Augusto. **Um sol para cada um**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- QUINTANA, Mário. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 1997.
- QUINTANA, Mário. **Prosa & Verso**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- ROSA, João Guimarães Rosa. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SARAMAGO, José. **Os poemas possíveis**. Portugal: Portugália Editora, 1966.
- SIQUEIRA, Antônio Juraci. **Fábulas sacanas e versos picantes**. Belém: 2004.

- SOUZA, Inglês de. **Contos amazônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SOUZA, Márcio. **Teatro II**. São Paulo: Marco Zero, 1997.
- SUASSUNA, Ariano. **Poemas (Antologia)**. Belo Horizonte: Gaia, 1999.
- TAVARES, Juvenal. **Serões da Mãe Preta**. Belém: UNAMA, 1990.
- TELES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- TOURINHO, Nazareno. **Um amor para sempre**. São Paulo: Lake, 2009.
- TREVISAN, Dalton. **Contos eróticos**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- _____. **O grande deflorador**. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- _____. **Rita, Ritinha, Ritona**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- VEIGA, José J. **Os cavalinhos de platiplanto**. São Paulo: DIFEL, 1986.

Filmografia

- O peixe grande e suas histórias maravilhosas**, Tim Burton, 2003.
- Narradores de Javé**, Eliane Caffé, 2003.

Recebido em: dezembro de 2014.

Aprovado em: março de 2015.